

As nossas estâncias de repouso e turismo – Sintra: O Palácio da Pena

ALMA NOVA

ESTA REVISTA NÃO TEM FINS COMERCIAIS, VIVE APENAS DA DEDICAÇÃO DOS SEUS AMIGOS E COLABORADORES, NO INTUITO DE FOMENTAR E BEM SERVIR TODAS AS MEDIDAS QUE CONTRIBUAM PARA O ENALTECIMENTO PÁTRIO, A ARTE E AS LETRAS. QUAISQUER AUXÍLIOS, COM AS RECEITAS DAS ASSINATURAS, SÃO DESTINADOS, EXCLUSIVAMENTE, À SUA MELHORIA : : : : E EXPANSÃO : : : :



: : DIRECTOR E EDITOR : :
MATEUS MORENO
Direcção: Calçada João do Rio, 8-1.º
LISBOA

Assin.: Ano (12 n.º) 10\$00; Colónias, 12\$50
Estrangeiro, 18\$00 (25 frs.) Avulso, 1\$00

REDACTORES EFECTIVOS

DR. EMÍLIO SALGUEIRO, DR. LUÍS D'OLIVEIRA GUIMARÃES, DR. M. GOMES DOS SANTOS E REBELO DE BETTENCOURT.

Propriedade da Cooperativa Editora
«RESSURGIMENTO» — Lisboa.

Composição e impressão — Tipografia Minerva
VILA-NOVA-DE-FAMALICÃO

PELO RESSURGIMENTO NACIONAL

A O S N O V O S

Palavras proferidas na sessão solene do Orfeão Académico de Lisboa, na noite 22 de Março, pelo presidente da sua Direcção e nosso querido redactor Dr. M. Gomes dos Santos.

(CONCLUSÃO)

A nossa atitude não significa a expressão tumultuária de espiritos dissolventes, indisciplinados, antes ela exprime o ardente desejo da nossa alma, confrangida pelo desolador aspecto de muitos novos que vão envelhecendo precocemente, à míngua de Ideal, de vontade excitadora. O que nós sinceramente desejamos é que se abandone o ócio, a indiferença sistemática, o pessimismo demolidor, a maledicência e o derrotismo, que nada de honroso exprimem, para que todos os esforços unificados, tentem, com probabilidades de êxito, efectuar uma aspiração colectiva. É principalmente no sentido de solidariedade que devem convergir os melhores esforços da geração nova. E assim, procuramos ser adeptos fervorosos, verdadeiros sacerdotes da Causa da Pátria. Tanto sangue generoso de portugueses, tamanho esforço, inteligência, dedicação, audácia, heroísmo, não foram necessários para nos construirmos em nacionalidade, para ascendermos aos píncaros da glória, da fama universal, descobrindo, desbravando e colonizando territórios imensos que constituíram — e ainda constituem — o nosso vasto império colonial!

Portugal tem ainda a cumprir um nobre destino, uma alta missão civilizadora. Tantos milhões de portugueses, os da Metrópole, os dos territórios coloniais, os das colónias portuguesas do Brasil, da América do Norte, da Califórnia, das Ilhas Sandwich, do Oriente, de todos os recantos da terra, formam o vastíssimo *Império Português*, a que é necessário imprimir um novo sentido: o da solidariedade rática.

Eramos pequenos, eramos pobres, e deslumbrámos o Mundo com as nossas façanhas. Ainda, na época presente, afirmámos o nosso heroísmo durante a Grande Guerra nos campos de França e nas plagas de Africa, e patentéamos o valor do nosso estro, nos feitos gloriosos da Aviação Portuguesa.

Sempre que a consciência nacional se agita, vibrando em

unísono, de simpatia por um ideal nobilíssimo, não há resistências que se não vençam, obstáculos que se não transponham. O que verdadeiramente falta em Portugal é a confiança que devemos depositar nas virtudes próprias e um entendimento sincero entre todos os Portugueses. É, portanto, necessário que a fé milagrosa dos nossos antepassados, a fé em nós próprios, a fé nos altos destinos do País, essa vitoriosa fé que revolve o Mundo e transforma as sociedades, se avigore cada vez mais nas nossas almas, e, sobretudo, na alma da mocidade, para que, irmanados todos neste sublime ideal de Ressurgimento, formemos uma legião audaz, de caracteres valorosos, prontos sempre a praticar o bem, a reprimir qualquer agravo à nossa dignidade ou à integridade da Nação, espalhando em nossa volta a alegria de viver, a confiança, a lealdade, a dedicação patriótica.

Seja este o nosso juramento sagrado, feito solenemente perante V. Ex.^{as}.

E que as virtuosas Mulheres de Portugal — mães ou irmãs, espôsas ou noivas, que em todas as emergências graves para a nacionalidade, não deixaram nunca de fazer os sacrificios mais austeros, que elas nos inspirem o cântico de todos os entusiasmos, de todas as maravilhas, de todas as virtudes, de todos os heroísmos, em favor do Ideal sacratíssimo da Pátria, elevando-nos o espírito e o coração para as regiões da suprema Beleza, da suprema Bondade, da suprema Harmonia, do supremo Amor, — dum amor cada vez mais intenso a Portugal, a esta abençoada terra de Santa Maria, a este País de verdadeiro encantamento, que os estudantes desejam glorificar, ao Portugal das Conquistas, ao Portugal das Caravelas, ao Portugal da Epopéia, aos Heróis e aos Santos, aos Sábios e aos Poetas, a todos os apóstolos da Religião do Patriotismo: *Um hino de esperança! Uma prece fervorosa! Uma alvorada triunfal!*

FEDERAÇÃO DOS GRÉMIOS REGIONAIS PORTUGUESES



TENENTE MATEUS MORENO

Director da «Alma Nova» e delegado da Junta Geral do Distrito de Faro à Comissão Organizadora da F. G. R. P.

M. GOMES DOS SANTOS.

À MARGEM

:: DOS ::

: FACTOS :

CRÓNICA

: Por Mateus Moreno :



Dos Estados-Unidos, da sua política externa, do seu comércio e... a Moda.

DO querido amigo e velho cooperador desta revista, sr. dr. J. M. de Bettencourt Ferreira, Cônsul de Portugal em Boston, para quem o título de ilustre não é um mero termo jornalístico, acabo de receber uma extensa e, na verdade, curiosa carta, de que não quero roubar aos meus leitores o prazer dalguns saborosos passos. Ei-los, pois:

«Meu prezado Amigo: ... aqui venho também dizer-lhe um pouco de mim, dar notícias, ou do que em minha volta se passa, sem repetir os jornais e revistas, e antes comentando com a possível imparcialidade os casos que êles agitam. Sinto, contudo, estar pouco ao par justamente do que mais interessa ao meu amigo, isto é, essa literatura toda que aí vejo nas estantes dos livreiros...

Aqui publica-se tanta coisa sôbre o que me interessa a mim em especial, que só para me conservar ao corrente destas questões arranjo tempo, e contra os meus desejos, além dos assuntos da especialidade, apenas consigo ler alguma narrativa de viagem, ou coisa assim, como aquela que acaba de publicar o americano Martin Johnson, sôbre os leões da Africa Oriental Inglesa.

Este homem, e a mulher dêle, são das pessoas mais extraordinárias que tenho visto, — porque realmente os vi, num espectáculo que aqui deram — gente que há dezoito anos viaja pelas regiões mais selvagens do Glôbo, para estudar os povos e os animais, nos seus usos e costumes, recolhendo pela fotografia e pela cinematografia os aspectos da sua existência mais interessantes para nós.

Ultimamente as suas atenções têm convergido para a Africa Equatorial, colhendo ali apontamentos deveras curiosos e fotografando sobretudo os animais ferozes, em circunstâncias em que êles ainda não haviam sido fotografados. E' que em geral os exploradores não se têm aproximado dos animais senão para os matar, ou apanhar vivos! O Johnson e a mulher foram à Uganda especialmente para surpreender pela cinematografia essa vida animal que vai desaparecendo depressa — diante da Civilização.

São inúmeros os clichés da autoria do americano de que falo feitos a distâncias inacreditavelmente curtas, mas os mais interessantes e instructivos encontram-se decerto na fita que êle fez o outro dia passar aqui em Boston, sob o patrocínio do Museu Americano de História Natural. Com certeza fatigaria o meu amigo se continuasse a falar dêste assunto, dêle tendo falado porque me saltou do bico da pena — neste caso do bico da máquina de escrever!

Não são os assuntos ou acontecimentos que faltam para comentar neste país, e de resto creio que em toda a parte, desde que conservemos um interesse por tudo quanto é humano, ou por tudo quanto importa realmente conhecer. Por lêrem por esta cartilha é que aqui todos desenvolvem uma actividade prodigiosa, uma actividade cujos resultados estão bem patentes, e que está colocando os Estados-Unidos «número um» em todos os campos.

Já lá vai o tempo em que menos interessava o que se fazia nos Estados-Unidos. Hoje todas as atenções se voltam para êste lado, e o que acontece no resto do Mundo interessa aos americanos. O facto do presidente Hoover ter começado os seus trabalhos, ainda antes de tomar posse, por uma viagem de estudo à América do Sul, é indicação segura da política externa que êle pretende seguir, de estreitamento de relações.

Não há dúvida que actualmente os Estados-Unidos não se contentam com desenvolver as suas fontes de riqueza até o ponto de se bastarem a si mesmos. Querem desenvolvê-las até onde a sua exploração pode ir, assim vendo-se obrigados a organizar o seu comércio de exportação em grande, com marinha própria e tudo, e a reconhecer que a inter-dependência económica das nações não é uma frase vã dos estudiosos. E realmente só a concorrência bem sucedida nos mercados externos lhes pode permitir sem perigo o aumento das importações, e os faz atingir sob o ponto de vista comercial verdadeira prosperidade.

E' claro que esta prosperidade dos Estados-Unidos tem sido feita e continuará a fazer-se à custa da velha Europa, sobretudo dos países que não têm sabido ou podido acompanhar o passo acelerado da vida moderna. Para acompanhar esta, são necessárias — as pernas do Velasco, que nós vemos agora no passeio ocidental do Rossio, e quando subimos o Chiado, já vêm de volta, do largo das Duas Igrejas.

Meu bom amigo, creio que já lhe tomei tempo demais. Aqui a primavera está fazendo a sua tardia aparição, e as senhoras discutem com os costureiros se, de acôrdo com as imposições de Paris, — sempre a tirânica França! — hão-de ou não mostrar menos um pedaço de perna. Deus queira que não, para consôlo dos sentidos, da vista pelo menos...

J. M. de Bettencourt Ferreira.»

Novidades literárias:

Acuso a recepção dos seguintes livros, de que brevemente me occuparei: *Manual da Língua Portuguesa*, pelo dr. José Guerreiro Murta; *Amantes...*, romance de Paulo de Brito Aranha; *Africa Misteriosa*, de Julião Quintinha; *Cancioneiro de Viana-do-Castelo* e *Cartas às Madrinhas de Guerra*, pelo ten. Afonso do Paço, e *A Beira*, «plaqueette» de Luis Chaves.



ANDALUZIA



POR JOSÉ DIAS SANCHO

(Póstumo)



QUANDO apontei a Espanha, a meio do Guadiana azul, ainda não estava feito da actividade engenhosa a que me forçaram os consideráveis entraves da saída que é de uso calamitosamente levantarem agora os senhores da emigração e do fisco na pomalina vila de Santo António. O velho lobo

do mar que dirigia o gasolina admirava-se até da maneira gentil como ali fui tratado, pois o próprio dinheiro da bolsa tem o viageiro que mostrá-lo aos olhos arguciosos da Guarda Fiscal, que zela assim pelo restabelecimento do equilíbrio na balança dos câmbios... Vá lá que as dificuldades que apressadamente resolvi num quarto de hora, as não resolveram outros em dois dias, e quanto às pesetas, — em verdade o digo! — não lhes tocaram mãos profanas nem olhos inquiridores!

O mesmo não sucedeu à gente de bordo, que foi revista com minúcias indiscutíveis... Mas, enfim!, apesar de tudo, aportavamos já nesse luminoso meio-dia de verão de San-Martinho, a terras coloridas de Espanha, entre barcos à vela e navios de grande tonelagem (cujo tráfego é a boa esperança do porto de Vila Real, agora organizado em Junta Autónoma), levando na alma uma forte sede de paisagem andaluza e no estômago uma fome maior de almôço substancioso! Quando atraquei ao cais de Ayamonte, o digno fiscal da *aduana* comia pacificamente a sua refeição de peixe. Teve um gesto de contrariedade diante das malas abertas, esboçou um grunhido de mastodonte incomodado, limpou com um guardanapo encardido os beiços escorrendes de azeite, e, caindo num silêncio inquietador, correu pensativamente a mão pelo farto bigode, dando-se a mirar de soslaio o amontoado de roupas... Depois, calçando com vagares dignos as luvas de linha branca nas manípulas feias, curvou-se a custo, aos ímpos, e, com uma delicadeza de gigante, mergulhou entre as camisas e os piugos as mãos inteligentes que naquela hora solene eu nitidamente senti consubstanciarem as preciosas e sacrossantas mãos da Lei... Quando aquela cariátide do edificio político de Espanha se ergueu imponente, no esforço de quem levanta sobre os ombros a escultura salerosa da Pátria, sossegada a sua fome de delicto diante da branca paz das minhas intenções, tranqüila a sua majestade de cerbéro em face da certeza clara das minhas roupas interiores e da minha identidade que em nada assustava a tranqüilidade do reino, eu, transpirando, suspirei de puro alívio, dando apressadamente volta às chaves, um pouco perturbado, todavia, sob o insistente poder magnético daquela pupila severa, tolhido, enleado, pelo glacial mutismo esmagador.

— *Gracias!* — gemi, entregando a bagagem a um moço de fretes.

— *Buenas, caballero!* — disse-me a majestosa autoridade com um leve acenar de dedos, fazendo soar alto o seu vozeirão de tragédia.

E mal me apanhou de costas (tal era a fome), descalçou as luvas a correr, puxou a cadeira num ruído imponente, e atirou-se com gula ao peixe empapado de azeite, aos *morrones*, às *aceitunas*, às *las tapas* com picantes, desrolhando com volúpia a garrafita de vinho, onde reluzia uma pinga de Bilbáu. Apenas num gesto de enfado, como quem rilha os ossos do officio, deixava aperceber este solilóquio ibérico:

— ¡Não me deixam petiscar o almocinho! Viajar!... Fortes bestas! Que lhes preste!

Este dragão da *aduana*, afinal, não era mais do que um estômago...

Ayamonte é uma terra incolor onde as andaluzas nos miram sem donaire e o comerciante pillha o que pode ao português. Povoação de contrabandistas, a moral das transacções assemelha-se imenso à do nosso país, depois da guerra, para pior. Vulgarmente vendem-nos por dez o que noutra parte custa cinco...

Obtive a confissão dum lojista aiamentino, falando-lhe, é claro, na pouca lisura dos seus colegas, e mais tarde, em Huelva, Sevilha e Córdoba, tive ocasião de verificar, por experiência própria, a veracidade do relato. No entanto, em conididades e vida urbana, esta terreola andaluza, orgu-

lhos a do asfalto da sua *Calle Real* e do seu *Paseo de Tewan*, é incontestavelmente superior à Vila de Pombal.

Atravesso Ayamonte com a pressa de quem morre de apetite e busca refeição; de quem tem muitas léguas a correr, combóio a alcançar, e demanda, açodado, um automóvel rápido... A breve trecho, porém, um episódio detinha-me sorrindo: numa travessa ligeada um garoto agitava o casaco esfarrapado diante dum carneiro, à laia de toureiro em frente de um Miura fegoso, arriscando as nádegas e o peito às investidas brutas. Não lograra ainda saciar-me do chiiste desta scena espanhola, quando a meus ouvidos estalou uma pergunta fatídica:

— ¿É republicano?...

Voltei-me num sobressalto de surpresa... Afinal, tratava-se do moço de fretes, ajojado ao péso das malas! Ainda bem! Um mundo de conjecturas me atravessava o cérebro. Lembrei-me da incursão da fronteira de França, dos *somatenes*, da Espanha soturna das prisões e dos fossos, dos fuzilamentos e da *Guardia Civil*... Enquanto dava um balanço mental às minhas ideias para com sinceridade e alma ir depor certamente perante um tribunal militar, inscrevendo-me anonimamente no martiriológico que enobreceu Ferrer, ocorreu-me fugir à impertinência da interrogação com a minha pseudo má compreensão da lingua.

— ¡Vaya usted adelante!

O homem das malas, porém, não se movia... E no espanhol mais brando que pôde talhar a sua gutural garganta, perguntou-me candidamente se almoçava no... *Café Republicano!* Ao meu espirito inquieto não souu ainda bem o nome do restaurante, mas de pronto percebi que entendera a frase apenas desde a sílaba tónica de Café...

Aquele pobre diabo que em ingenuamente considerava um espantinho de qualquer tenebrosa organização de espionagem militarista, não pensava mais do que em cumprir católicamente unia das obras de misericórdia: dar de comer a quem tem fome... A imprensa e os seus Fantasmas, como diria Lenormand!

Esta certeza, esta prova de solidariedade humana, foi a primeira alegria que tive em terras de Afonso XIII!

De facto, no Café (que fica à beira do *Paseo de Teluan*) uma dezena de fotografias de republicanos ilustres pende das paredes, e a avaliar pelo bom almôço que me deram, com um Valdepeñas famoso, a república que esses senhores querem é muito pouco barata, mas, em compensação, bastante alimentícia... Segui para Huelva numa *limousine* confortável, através as boas estradas da região que os incolas dizem má, mas que em comparação com as nossas são a maior das maravilhas. A reparação das estradas é assegurada em Espanha pelos chamados *Peones Camiñeros*, que têm suas residências de tantos em tantos quilómetros, por todo o percurso. Estes cantoneiros são encarregados de fiscalizar a via todos os dias, reparando o mínimo desarranjo. Ora desta maneira, muito difícil será chegar-se à necessidade duma reparação importante.

De resto, quando dessa reparação se faz mister, são utilizadas máquinas modernas e processos novos, de forma que no mais curto espaço de tempo está a obra concluída, sem nunca ser lançado nas covas, aliás insignificantes, o cascalho grosso que em Portugal é costume deitar sem sabro. A princípio a paisagem é idêntica à do Algarve. Arvoredos, casais, manchas de pinhais, decórando colinas doces, mas pouco-a-pouco a Andaluzia torna-se monótona, com campinas extensas, olivais, montes pelados, povoações miseráveis, tudo debaixo duma luz de oiro que é o encanto de meus olhos. Chego a Huelva cansado da paisagem igual e sem contrastes. O combóio já funta na *gare*... É a hora da partida! Embarco apressadamente, e de novo a paisagem medíocre se estende diante de mim, naquele lindo fim de tarde, com tufos de eucaliptos a saírem das dobras do terreno, e um ou outro charco reluzindo, côr de prata, entre as sombras do crepúsculo.

O combóio rola nos *rails* com destino a Sevilha... Dessas três horas de enfado trago apenas a impressão do roído das sinetas dando as partidas do *Iren*, das silhuetas das estações mal aluminiadas, parecendo tôdas picaras praças de toiros, e duma grulhada andaluza de rapazes e raparigas que, de flores ao peito e nos cabelos, vinham ao combóio acompanhar uns noivos...

A RELIGIÃO DO RITMO

A RÍTMICA DE DALCROZE E A SUA MISSÃO

SE as grandes invenções do Século têm do-
tado a Humanidade de elementos necessá-
rios a um desenvolvimento progressivo e
intenso, poucas são as que visam pròpria-
mente o interesse do indivíduo como a de E. Ja-
ques-Dalcroze.

Músico, mas acima de tudo pedagogo, Dal-
croze viu que, tendendo o Progresso ao Triunfo
absoluto do materialismo, era necessário criar-se
qualquer coisa que o pudesse compensar, estabe-
lecendo assim o equilíbrio necessário à vida.

E num prodígio de genialidade e de fé, gerou
a Religião do Ritmo, pela prática da chamada
Gimnástica Rítmica, ou simplesmente, Rítmica.

Partindo da observação da natureza humana,
soube escutar o Ritmo natu-
ral do sêr vivente que nós
somos e, sob uma base abso-
lutamente lógica construiu
o seu sistema, o seu método.

Quási desconhecido entre
nós, das ligeiras demonstra-
ções que têm sido levadas
a cabo por Miss Cecil Kit-
kat, a única professora di-
plomada pelo Instituto Dal-
croze de Genève que se en-
contra em Portugal, — tem
ficado no espirito público a
impressão de que a Gimnás-
tica Rítmica de Dalcroze, não
é mais de que uma sucessão
de atitudes e movimentos
que a música acompanha,
visando o desenvolvimento
físico da criança ou adulto.

Ora, a Rítmica de Dal-
croze não limita o seu cam-
po de acção a um exercício
físico agradável. Vai mais
longe. A sua prática des-
perta a Consciência Rítmica,
faculdade que, duma mane-
ira geral, se encontra no in-
divíduo em estado latente.

Ministrada nas primei-
ras idades, ela abre à infân-
cia o caminho da Arte e o
caminho da Vida. O primei-
ro, pelo desenvolvimento da sensibilidade como
factor de ordem estética e intelectual. O segundo,
pela influência que a metodisação do Ritmo vai
exercer na psicologia do indivíduo e suas natu-
rais consequências de ordem e disciplina moral.
Contribuindo poderosamente para a educação mu-
sical da criança, a Rítmica de Dalcroze, é, didac-
ticamente, um solfejo natural.

«Educa o ouvido pela apreciação da diversi-

dade de gráus de intensidade sonora, do dina-
mismo, da rapidez ou lentidão das sucessões dos
sons, do timbre, emfim, de tudo quanto sob o nome
de colorido musical constitui a qualidade expres-
siva do som», — servindo-nos das próprias palavras
de Dalcroze, — e estabelece pelo movimento uma
correlação tão íntima do Ritmo instintivo com o
que é sugerido pela música, que a sua acção sô-
bre a imaginação, o temperamento e a inteligên-
cia não pode deixar de ser profícua.

A Rítmica de Dalcroze está hoje adoptada em
grande parte das principais cidades da Europa,
onde existem Institutos fundados, ou pelo pró-
prio Dalcroze, ou pelos seus discípulos.

Criada há mais de 20 anos, o seu êxito já pode
avaliar-se pela extraordinária
freqüência que êles têm.

Hoje, que o problema da
educação da criança deve
ter uma importância capital,
julgamos de interesse para
os pais o conhecer a função
pedagógica da Rítmica de
Dalcroze. E' mais uma ino-
vação no organismo ainda
assim rotineiro da nossa so-
ciedade. Se ela tem um obje-
ctivo de utilidade colectiva,
porque não havemos de lhe
dar guarida?

A Civilização não se me-
de apenas pelas amostras de
um Vítor Marguerite ou de
um Claude Farrère. Essas,
só poderão concorrer para
um decadentismo estéril.

Tem o seu lado constru-
tivo e é êsse o que mais deve
interessar a todos os que,
neste período de evolução, se
interessam pelo futuro das
gerações que hão de colher
o fruto das sementes boas
ou más que façamos germi-
nar na leiva do nosso meio
social. Quer como exercício
físico, quer como medida de
simples alcance pedagógico,
quer como meio de Educa-

ção Musical, a Rítmica de Dalcroze, em nosso en-
tender, impõe-se à inteligência do homem de hoje
como uma das descobertas mais humanas que ten-
dem a contribuir para a felicidade dos povos.

Ela vai ser praticada em Portugal: e o Tempo
provará se erramos, no conceito formado sôbre a
Rítmica de Dalcroze e a sua missão educativa.

PATRICIO ÁLVARES.



E. JAQUES DALCROZE

A MULHER ESTREMENHA

POR LUÍS CHAVES

As divisões administrativas raro obedecem ao constitucionalismo regional, — quer no aspecto externo, quer no ponto de vista interno ou etnográfico. Se nos referirmos concretamente à Estremadura, observaremos caracteres próprios e caracteres que o não são: — ao Norte poderá ver-se uma confusão não estranhável com a Beira-Marítima; — a Nordeste, pelo Zézere, uma sobreposição de estremenho ao beirão da Beira-Baixa; — a Este, o Ribatejo prolonga-se para a margem esquerda do Tejo, mas não tão além como devera de ser; — para o Sul, está incluída na Estremadura Transtagana, hoje incluída no distrito de Setúbal, a vasta região meridional, que só administrativamente continua o Ribatejo esquerdenho.

De onde se conclui, para o apontamento do traje, agora em vista, que a Estremadura característica abrange êstes três tipos, ao mesmo tempo etnográficos e panorâmicos, isto é, interna e externamente considerados: — a região plana do Norte, a ligar-se pela costa com a Beira-Marítima, de Pombal para baixo, em tórno de Leiria e Alcobaça, — a *Gândara*; — o vale do Baixo-Tejo, nas planas baixas e inundáveis, a um e outro lado do rio, — o *Ribatejo*; — e as circundezas de Lisboa, nestes territórios tectónicos de formação movimentada, que teriam de ser chamadas a constituir a *terra dos çaloios*.

No traje, que define objectivamente a mulher, a Estremadura reparte-se nos tipos correspondentes às três regiões: — a *gandareira*, — a *ribatejana*, a que poderíamos chamar «campina», por paralelismo com a designação da *facies* masculina de indumentia, — e a *çaloia*.

Invoco dois depoimentos da *gandareira*; um estrangeiro, outro nacional:

1.º — *M.^{me} Rattazzi* foi de Lisboa às Caldas, a Alcobaça, etc. — via ordinária, evidentemente. — Depois de se referir a que «a vida rústica exerce-se ao ar livre», menciona a impressão que as mulheres lhe deixaram: — *aldeãs com cestos à cabeça, com bilhas de leite nos braços, fazendo meia e parando para dar os bons dias aos compadres...* [*Portugal de Relance*, tradução portuguesa do livro *Le Portugal à vol d'oiseau*, — vol. II, pág. 116.] E logo adiante em Alcobaça: «aldeãs de pelle queimada e grandes olhos negros caminhavam alegremente».

2.º — *Eça de Queiroz* descreve a praça de Leiria, às horas da missa, em *O Crime do Padre*

Amaro (8.ª ed., pág. 316): — «as mulheres, aos pares, com uma fortuna de grilhões e de corações d'ouro sôbre os peitos pejados».

O mercado de Leiria ao Domingo é um museu. Guardadas as proporções a *gandareira* é a minhota do Sul, no pitoresco e colorido como nos tecidos do traje. Serguilhas nas sáias rodadas, azúis com barras; corpinhos variegados em que vibra um veludilho de pintura flamenga, e faz ver nas mulheres umas figurinhas escapas de uma qualquer tábua de Nuno Gonçalves ou Frey Carlos; um chapelinho de fôrma de pudim, na cabeça; a sáia escura, mesmo negra, que serve de capa, ou para o frio ou para cerimónia, como na igreja, ou de visita; chinelas biqueiras nos pés, — aí está o traje mais curioso da Estremadura. Mulher viva, de uma actividade urgente na região rica...

No Ribatejo o pitoresco do traje é superior no homem, que Fialho de Almeida assim descreve em *Os Gatos*: — «calção azul e sapatos d'espôra, maticões e barrete verde ou rubro, plantado esculpturalmente n'uma cella mourisca, com seu xairel de pelle de cabra.» (4.ª ed., vol. IV, pág. 140). A mulher é ao par dêle uma nota frêscã, de côr simples: panos de loja, que na pujança agrícola nem há labor de tecelagens, e está-se mais cêrca da moda de Lisboa, de onde se repartem os figurinos e as cantigas; côres leves; ventalotes curtos, lençaria traçada ao peito, saiótes de uma côr, sáias claras.

A *çaloia* teve o seu quindim indumentário. E' vê-la nas aguarelas luminosas de Roque Gameiro e de Alberto Sousa, com o seu barrete vistoso em bico, hoje apenas com similar no carapuço da Madeira. Hoje é talvez a mais marafona das mulheres de Portugal: camiseta clara, sôlta; sáia rodada curta, a mostrar os pés dentro de grossas e altas botifarras de atinado; lenço de preferênciã claro, caído, a meter-lhes a cabeça num capuz sem capa. Olhando-nos desconfiada, ela aí passa nas ruas de Lisboa, de trouxa de roupa à cabeça, ou a vender brôas de pão-milho, laranja da China, tremoço çaloio e outras mercancias.

E quem quiser illustração para o conto, não há como folhear o *ensaio bibliographico* dos *Costumes Portugueses*, editado pelo meu amigo illustre, que é o académico sr. Henrique de Campos Ferreira Lima; folhear e escolher.

LUIS CHAVES.



— E' bem simpática esta D. Maria das Dôres, apesar dos seus quarenta anos, e depois, é uma senhora tão religiosa, tão séria! Uma mulher assim é que me convinha!... — monologava Jorge Saldanha, seguindo disfarçadamente com os olhos a *silhouette* ainda elegante da dona da Pensão onde se hospedara, havia seis meses, e que presurosa lhe arranjava o quarto.

— «Seria muito grande a diferença de idade, entre êles? Talvez — continuava Jorge, scismando —, mas que importa os vinte anos a mais, duma mulher, para o homem livre das ilusões do amor e habituado a encerrar a vida sempre pelo lado prático?»

De resto, a D. Maria das Dôres estava bem conservada e, não obstante já lhe terem aparecido vários cabelos brancos, o seu rosto era liso e macio como o de uma jovem, lendo-se-lhe, por vezes, no olhar a imensa ternura de que ainda era capaz aquele coração de solteira.

Filha de pais muito pobres, tudo quanto ela hoje possuía, tinha sido ganho com o seu trabalho e à força de economias.

— «Mais uma razão para ser estimada», — considerava Jorge.

A mulher que, trabalhando, se tornou numa criatura útil, tem, de facto, mais probabilidades de ser uma boa esposa do que essas frívolas bonèquinhas que passam a vida diante dos espelhos, pondo pó de arroz no nariz, e andam pelas festas à «caça» de noivo rico que lhes sustente os caprichos.

E' claro que nem todas as raparigas compartilham das mesmas ideias (digo: *ideias avançadas*), existindo ainda na nossa sociedade meninas que, lá pelo facto de se divertirem ou usarem pó de arroz e todas as espécies de cremes e *bâtons*, não deixam de ser virtuosas... Mas como diferenciar umas das outras, se não é costume elas trazerem leteiro por onde as possamos reconhecer?...

Assim, sempre que acontecia, ao Jorge, entusiasmar-se com algum «palmito de cara bonita», logo a voz do Bom Senso lhe refreava o entusiasmo, cantando como na popular canção:

«Cuidado, rapaz,
Cuidado, muito cuidado!
Há menina que de tudo é capaz»
«E a fortuna pode não estar a teu lado,
Rapaz, cuidado! A', cuidado, rapaz!»

*
* * *

— Vamos, sr. Jorge, acorde, que a manhã já vai alta e o cafèzinho arrefece! — exclamava a D. Maria das Dôres ao entrar no quarto do hóspede com o *petit-déjeuner* na bandeja. — Sabe que lhe trago umas torradinhas deliciosas, com muita manteiga, de ambos os lados? — tornava a boa senhora, sem conseguir despertá-lo. E depois, lastimando-se: — Ai, êste rapaz é os meus pecados! Se isto é lá vida, passar a noite inteira a estudar com o candieiro acêso, em riscos de pegar fogo no prédio, e todo o dia a dormir! O' homem de Deus, acorde!...

E era assim sempre uma tragédia para arrancar da cama êste nosso dorminhoco amigo. Oh! que paciência não precisam as donas das Pensões! Que paciência não precisava a D. Maria das Dôres!...

M
A
R
I
A
R
O
S
A

≡ U M ≡ CONTO

POR

G
D
A
S
I
L
V
A

Naquela manhã, porém, nada disto aconteceu. A simpática hospedeira, visivelmente preocupada, aguardava em silêncio que Jorge acabasse de tomar o café, quando êste, surpreso, lhe perguntou:

— Oh lá, D. Maria, a senhora está doente?! Vejo-a hoje tão calada...

Ao que ela respondeu, num sorriso triste:

— Doente, eu? Que ideia, sr. Jorge! Eu o que estou é... — (e depois, como tomada de uma resolução) — Olhe, sr. Jorge, isto custa-me muito ter que lhe dizer, porque bem sei que lhe vou causar grande transtôrno, mas quanto mais tarde lho disser piôr... Sabe? Estou resolvida a trespassar a Pensão! E' verdade, sr. Jorge, eu desde há muito que tinha vontade de ir para a minha terra descansar, porque, como vê, já não

estou nada nova e amanhã posso cair aí numa cama doente sem ter ninguém que me chegue um copo de água à bôca; mas faltavam-me os meios para viver sem trabalhar, embora lá na minha terra, onde tudo é barato. Afinal, ontem, aqui o vizinho do lado — conhece, o pai da pequena que namora o oficial? — veio oferecer-me 30 contos de trespasse, se eu lhe cedesse a casa para a filha que vai casar! Escusado será dizer-lhe que agarrei logo com unhas e dentes a proposta — a minha independência! — só me faltando agora assinar o contrato e... receber a massa.

Um raio que caísse aos pés de Jorge, não o teria, de certo, impressionado tanto, como esta novidade, assim dada de chofre, ao levantar da cama, qual duche de água fria...

E êle pôs-se então a pensar no que seria, dali para o futuro, a sua triste vida, a correr com malas e bagagens de Pensão para Pensão, não podendo ficar nesta por haver pouco asseio e naqueloutra por lhe roubarem tudo ou não ser uma casa de respeito, etc.

— «Ainda se êle tivesse algum amigo, com quem pudesse ir viver! — A sua mãe, a sua irmã ou uma noiva... Uma noiva!...»

Esta ideia criava raízes no cérebro de Jorge, que se deixou ficar para ali a scismar, passando em revista as raparigas suas conhecidas, sem se atrever, contudo, a fazer uma escôlha. E' que êle, o homem pacato, arreceava-se de todas elas — meninas ultra-modernas, candidatas ao divórcio! Até que por fim, tomado de uma resolução, Jorge se voltou para a hospedeira, declarando num tom de quem não admitia réplicas:

— A sr.^a D. Maria das Dôres não trespassa a Pensão, nem vai morar para a terra, porque... casa comigo.

E como a boa da senhora o olhasse sem compreender, êle ajuntou, pausadamente:

— Sim, minha senhora, está pedida em casamento.

Passados seis meses, na pequenina igreja do Socôrro, tinha-se realizado o enlace.»

— E depois? — perguntei eu à minha amiga, sem compreender o motivo que a levou a contar esta história.

— Depois? Mais nada —olveu ela impassível.

— Ora essa! —exclamei eu, fora de mim. — Mas então aonde é que está o «extraordinário» da história que me prometeste?

— O extraordinário está em que êles foram muito felizes e não se divorciaram... — explicou a minha amiga, fazendo-me uma careta!



INSTITUTO DE EDUCAÇÃO

Física e Rítmica

Gimnástica médica,
respiratória e educativa.

Rítmica e Arte da Dança

ASSISTENTE MÉDICA: Doutora D. Palmira Lindo, Médica diplomada com o Curso Normal de Educação Física pela : : : : : Universidade de Lisbôa. : : : : : :

SECRETARIA: D. Arminda Rumina.

Professoras estrangeiras diplomadas por Escolas de reconhecida probidade.

Rua Primeiro de Dezembro, 101, 2.º-E.º

LISBOA — Telefone Trindade 2009.

“STUDBAKER,,

E' a marca que deve escolher para seu automóvel

CAMIONETTE “MANCHESTER,,

TODA DE FABRICAÇÃO INGLESA

DOIS MODELOS — A e B

1500 a 2000 K.^{os} (incl. a carroserie)

2000 a 2500 K.^{os} („ „ „)

MOTOR — 4 cilindros, 3 apoios

LUBRIFICAÇÃO — por bomba com compressão e manómetro

CARBURADOR — Stromberg ou Zenith

MOLAS — tipo A, à frente 7 folhas, atrás 9 folhas

» B, » » 8 » » 10 »

PNEUS — A, 30×5 de alta pressão

» B, 32×6 » » »

C. Santos, L.^{da}

LISBOA — RUA DO CRUCIFIXO, 55 A 59



ILMA
NOVA

ESTA REVISTA NÃO TEM FINS COMERCIAIS. VIVE APENAS DA DEDICAÇÃO DOS SEUS AMIGOS E COLABORADORES, NO INTUITO DE FOMENTAR E BEM SERVIR TODAS AS MEDIDAS QUE CONTRIBUAM PARA O ENALTECIMENTO PÁTRIO, A ARTE E AS LETRAS. QUAISQUER AUXÍLIOS, COM AS RECEITAS DAS ASSINATURAS, SÃO DESTINADOS, EXCLUSIVAMENTE, À SUA MELHORIA : : : : E EXPANSÃO : : : :



: : DIRETOR E EDITOR : :
MATEUS MORENO
D Direcção: Calçada João do Rio, 8-1.
LISBOA

Assin.: Ano (12 n.º) 10\$00; Colónias, 12\$50
Estrangeiro, 18\$00 (25 frs.) Avulso, 1\$00

REDACTORES EFECTIVOS

DR. EMÍLIO SALGUEIRO, DR. LUÍS D'OLIVEIRA GUIMARÃES, DR. M. GOMES DOS SANTOS E REBLO DE BETTENCOURT.

Propriedade da Cooperativa Editora
«RESSURGIMENTO» — Lisboa.

Composição e impressão — Tipografia Minerva
VILA-NOVA-DE-FAMALICÃO

APÓS 15 ANOS

“Alma Nova”

COMPLETARAM-SE 15 anos, em 28 de Setembro findo, que na capital algarvia saiu o 1.º número da *Alma Nova*.

O 2.º número foi já publicado em Lisboa, onde, desde então, a revista se tem mantido, até hoje, com maior ou menor fortuna. E' ela, assim, das revistas portuguezas, a mais antiga do país e das que melhores estudos tem publicado.

Os sacrificios materiais da sua direcção tem, porém, sido enormes, como se pode avaliar pela irregularidade com que muitas vezes a revista tem saído. Mas não podendo, ainda assim, esta manter-se como publicação mensal, consideramos encerrada, com o presente fascículo, a 5.ª série, limitando-se, d'oravante, a sua saída apenas às exigências da lei, para a manutenção do título, até que melhores dias voltem às Artes e Letras Portuguezas.

“A Garota”

Como no n.º 2 da presente série da *Alma Nova*, foi iniciado, como parte integrante da

mesma, o suplemento artístico e recreativo *A Garota*, são distribuídos, com êste fascículo, os n.ºs 2, 3 e 4 do referido suplemento, assim se perfazendo os números respeitantes ao ano 2.º da presente série da *Alma Nova*.

Assinaturas em débito

E' grande o número de pessoas que tem ainda em débito as suas assinaturas; rogamos, pois, a subida fineza de nos remeterem, logo que êste fascículo recebam, a importância dos seus débitos, ajudando-nos assim a tornar menos pesado o nosso «déficit».

Aos que não quiserem ter êsse incômodo, faremos a cobrança pelo correio, agradecendo a immediata liquidação dos recibos, logo que êles lhes sejam apresentados.

A todos os sinceros agradecimentos de

A DIRECÇÃO.



● **Atenção:** Êste fascículo, com os n.ºs 2, 3 e 4 de “A garota”, abrange os n.ºs 16 a 24 ●

Na capa: A SAGRADA FAMÍLIA. — Quadro de Rafael.

À MARGEM
:: DOS ::
: FACTOS :

CRÓNICA

: por Mateus Moreno :



JUIZO DO ANO

1929! Eis mais um ano que se vai, sem deixar grandes saudades...

Para as Letras, para as Artes, para as Ciências e até para a Política, foi, realmente, um ano fatídico, um ano de verdadeira Desgraça!

Para nós, principalmente, não teve mesmo graça nenhuma...

É certo que o Orçamento da Nação foi equilibrado e, mais do que isso, deu-nos a surpresa, quasi inacreditável, de um *superavit!*

É certo que o País ficou, enfim, com as suas estradas, de norte a sul, em termos de se transitar por elas!

É certo, ainda, que houve apenas um ou dois tentames de revolução e outras tantas quedas de governos!

Mas pode-se concluir daí que D. Felicidade foi tão amável para o contribuinte que o fizesse esquecer que tudo isso lhe exigiu muitos e muitos sacrifícios?!

Porque ninguém ignora que, dentro do País, com todos os aparentes equilíbrios e abas-tanças, a crise social, que é um mal do século, se não se agravou, talvez, mantém-se, pelo menos, e continua, impiedosa.

Não iremos longe da verdade, afirmando que, de Norte a Sul do País, há *Fome!*

O êxodo diário, permanente, de todos os braços válidos dos nossos campos para o estrangeiro, assim nó-lo atestam, claramente.

É ver as estatísticas e tirar as conclusões...

Dentre aqueles que a Morte nos roubou, neste fatídico ano de 1929, contam-se algumas das nossas figuras mais prestigiosas. Recordêmo-las, com saudade. Além de Mestre Columbano, que foi também um bom amigo desta revista e dos que nela trabalharam, evocaremos, compungidos, os nomes do dr. Magalhães Lima, de D. António Mendes Belo, do dr. José de Castro, do ex-presidente da República dr. António José de Almeida, de José Relvas, General Abel Hipólito, Almirante Almeida Eça, e tantos, tantos outros!...

Descubramo-nos Deixêmo-los passar...

1930, tem dó de nós!

Um livro notável

Dentre os trabalhos artísticos e literários últimamente saídos dos prelos portugueses, não podemos deixar de pôr em relêvo o estudo que o distinto artista J. Saa-vedra Machado vem publicando em tomos, sob

o título sugestivo «O Desenho e as Mulheres no labor artístico de Rafael Bordalo».

Está publicado o 1.º desses tomos, que teve, como era de prever, o mais agradável êxito e deve brevemente ser distribuído o 2.º e penúltimo. É um trabalho notabilíssimo e farta-mente documentado, que não podíamos deixar de recomendar aos leitores da *Alma Nova*.

A edição, muito cuidada, é da «Ressurgimento».

UMA QUESTÃO DE FAMILIA



O glorioso artista, em 1904, caricaturado por seu irmão Rafael.
(Página de «A Paródia»)

A ARTE DA DANÇA EM PORTUGAL

O amor pelo despôrto que a Inglaterra e a América impulsionaram, criou o ambiente necessário ao advento de uma era de Renascença para a Arte da Dança, sem dúvida a mais bela, a mais expontânea e a mais racional de todas as Artes.

«The dance lies in the begining o fart, we find it also at the end», eis o que a pena de Haveloc Ellis afirma em «The dance of life». E assim é, de facto. Como Arte instintiva, pois se baseia na mobilidade, característica de todo o ser vivente, nada explica que após a civilização helénica, em que o seu império se tornou lendário, tivesse arrastado séculos de um marasmo absoluto, de um quási esquécimento. E tão esquécida se tornou, tão relegada a um plano secundário foi, que hoje, quási adquire fóros de novidade, pois tem sido necessário advinhar-lhe os meios de expressão, inventar-lhe o tèclado variadíssimo da sua beleza emotiva.

Perdida na diversidade das danças características sem estilização, consoante a fudole dos países que as adoptavam, pulverizou-se, difundiu-se, chegando ao ponto de se tornar desconhecida e incompreendida até de alguns povos. A Rússia do século XIX adoptou-a e desenvolveu-a, dando-lhe o impulso que convinha, mas conseguindo apenas um êxito de estina e nunca de adopção, dada a técnica difícil de que a impregnou. O grande desenvolvimento que a Educação Física tem tomado em quási todos os países, desde fins do século passado até aos nossos dias, fez com que a semente russa pudesse germinar, aproveitando-se o que de bom ela continha, isto é, o espírito da Arte e pondo-se de parte as habilidades e virtuosismos que apenas raros podiam executar.

A generalização da Arte da Dança tornou-se um facto e foi ainda uma russa quem lhe deu o maior relêvo, impondo-a, como Arte natural por excelência sem recorrer a acrobatismos inúteis, efeitos de luz suggestionadores, cubismos, dadoísmos e futurismos que, tendo o seu valor como fomentadores de novas directrizes de expressão artística, não conseguem interessar a grande «massa», cuja intuição se ri dos intellectualismos *a priori*.

Em Portugal a Arte da Dança é ainda uma grande incógnita. E à sombra da ignorância em que vivemos do que seja esta Arte, grandes espèculações se teem feito e continuarão a fazer. Com o rótulo de bailarinas e bailarinos passam pelos nossos teatros verdadeiras mediocridades, quanta vez guindadas à categoria de artistas coreográficos.

A Pawlova foi mal apreciada. Loë Fuller, pateada. A Companhia de Bailados Russos de Diaghilew deveu mais o seu successo à originalidade da scenarização que à excelência dos grandes bailarinos Karsavina, Lopohova, Nijuski e Fokine. A Bilbainita logrou um successo relativo. Não era bela nem perfeita, mas era enorme nos seus bailados característicos, ricos de expressão e movimento. Um estado destes, permite que os aventureiros encontrem campo para todas as audácias.

A Dança, como dinamização plástica da emoção humana através dum ritmo natural ou sugerido, não pode nunca ser executada artisticamente, por quem não tenha uma preparação rítmica como apuramento da sensibilidade e uma gymnástica que

dê ao corpo que a executa um completo conhecimento das suas possibilidades e uma harmonia geral nos movimentos. Só assim ela poderá exercer a sua acção eficiente sôbre os organismos que a praticam e atingir a sua missão suggestionadora de beleza e encantamento.

Há também quem mascare a Arte da Dança, com quadros de Music-Hall, que por vezes interessam, embora neles vejamos sempre os mesmos passos de Fox-Trott e Charlston.

Temos visto Danças egípcias que apenas o são no nome. Pois se até já vimos uma Dança cubana ao som de música caracteristicamente brasileira! Tudo isto se dá porque o público não tem a sua educação feita em matéria coreográfica.

Precisamos conhecer a Dança-Arte, aquela que só pode ser apresentada por bailarinos e não bailariqueiros. E isto não se pode obter sem a necessária preparação rítmica e gymnástica.

Felizmente, já temos entre nós uma professora apta a preparar amadores e artistas para tal.



VILMA ABRAMOWICZ, diplomada pelo Institut Laban, de Berlin, em Gimnástica e Arte da Dança

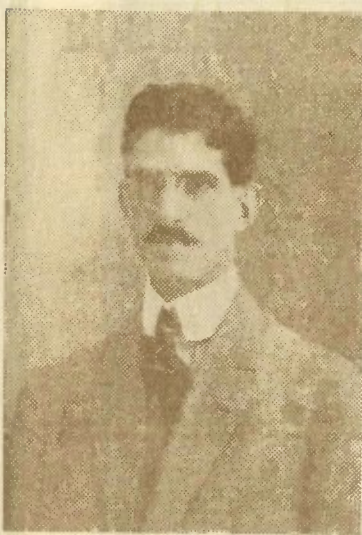
PATRÍCIO ÁLVARES.

VIDA LITERÁRIA

«Illustrated Guide of Lisbon, Estoris, Cascaes and Cintra», por *Nuno Catarino Cardoso*. Edição do autor.

DENTRE os numerosos livros que temos recebido, durante este interregno na publicação da *Alma Nova*, é-nos grato fazer hoje referência a alguns, dentro dos acanhados limites de espaço de que dispomos.

Falemos do «Guia Ilustrado de Lisboa, Estoris, Cascais e Cintra», do sr. Nuno Catarino Cardoso, belo trabalho executado nas oficinas da tipografia que imprime esta revista.



NUNO CATARINO CARDOSO

Com uma excelente capa tricrômica, alusiva às descobertas marítimas dos portugueses, e impresso em magnífico papel, este Guia encerra mais de cem belas e nitidas fotografias de Mário C. Cardoso, referentes a todos os pontos de que trata, incluindo as dos principais monumentos portugueses, a que dedica a 6.^a parte.

Além disso contém todas as indicações necessárias aos turistas, tais como

nota das Embaixadas, Legações, Consulados, Hotéis, Restaurantes, Cafés, Companhias de Navegação, etc.

Impresso a cores, a 1.^a parte contém um esboço histórico, geográfico e económico respeitante a Portugal.

A 2.^a e 3.^a parte descrevem, em 7 visitas, em capítulos curtos, e numa linguagem clara, tudo quanto há de mais notável a ver nos museus e templos de Lisboa e bem assim estátuas, bibliotecas, jardins, escolas, palácios, panoramas, etc.

A 4.^a parte ocupa-se da famosa *Costa do Sol*, tão famosa quanto bela, descrevendo, num passeio que vai do Cais do Sodré a Cascais, a linda facha onde se engastam os *Estoris* e a *Bôca do Inferno*.

A 5.^a parte refere-se à encantadora *Cintra* e seus arredores, descrevendo os palácios da *Vila*, *Monserate*, etc.

A 6.^a parte trata de Portugal sob o ponto de vista artístico e monumental.

Basta este capítulo para dar ao Guia um justo lugar de destaque entre tudo quanto se tem publicado em Portugal sobre Turismo e torná-lo bem superior aos maçudos «Baedeker» ou «Guide bleu», tendo ainda a enorme vantagem de ser muito mais barato e prático.

Metódica, artística e carinhosamente organizado, este livro torna-se absolutamente indispensável aos

viajantes e muito há-de contribuir para a propaganda de Portugal e das suas belezas incontestadas.

Livro patriótico, feito sem o menor auxílio do Estado, vem preencher uma importante lacuna.

O sr. Nuno Catarino Cardoso é um funcionário distintíssimo e um trabalhador literário incansável.

Foi premiado, pelos seus trabalhos literários, com a Medalha de Ouro na Exposição Internacional do Rio de Janeiro.

É Oficial da Ordem Militar de S. Tiago da Espada e autor de 17 volumes a que a imprensa portuguesa e brasileira tem dedicado palavras de louvor e apreço, alcunhando de beneditinos alguns dos seus estudos.

O seu livro «Sonelistas Portugueses e Luso-Brasileiros» foi aconselhado pelos professores de português das Universidades de Paris, Roma e Bruxelas, aos seus alunos.

É também autor do «Guia Ilustrado de Cintra e Arredores», que entrou na 2.^a edição.

A Função Social do Teatro. — Entrevistas e Comentários de *Rebello de Bettencourt*. Edição do «Diário dos Açores», 1929.

Rebello de Bettencourt, Escritor, Poeta, Jornalista e Professor, é um nome nas letras portuguesas. As suas crónicas de Arte, na 2.^a série da *Alma Nova*, marcaram, como notas de alguém que sabe ver e sentir. Os seus livros de crítica literária, também mereceram os mais rasgados elogios da crítica e os favores do público.

Agora, neste pequeno trabalho — cinco crónicas apenas e uma conclusão — o autor de *Os Novos Escritores* e do recente volume *O Mundo das Imagens*, foca os vários aspectos da crise de que enferma o teatro moderno, ouvindo os seus críticos, comentando-os e tirando as necessárias conclusões.

É digno, pois, de ler-se o curioso folheto.

João Maria Ferreira

Tem já no prelo um novo livro de versos, este incansável trabalhador, cujos méritos literários, já assinalados em mais de 20 volumes, tiveram a melhor confirmação no último — «Crepúsculos» —, recentemente publicado, com uma linda capa fotográfica de Alfredo Pinto (Sacavém).



DR. JOÃO DA SIVA CORREIA
nosso dedicado colaborador e distinto filólogo, defendeu tese de doutoramento com uma elevada classificação.

A SAUDE E A ALEGRIA DA VIDA



INSTITUTO DE EDUCAÇÃO

Física e Rítmica

Gimnástica médica,
respiratória e educativa.

Rítmica e Arte da Dança

ASSISTENTE MÉDICA: Doutora P. Palmira Lindo, Médica diplomada com o Curso Normal de Educação Física pela : : : : : : : Universidade de Lisbôa : : : : : : :

SECRETARIA: D. Arminda Rumina.

Professoras estrangeiras diplomadas por Escolas de reconhecida probidade.

Rua Primeiro de Dezembro, 101, 2.º-E.º

LISBOA — Telefone Trindade 2009

Direito
Português

E

BRASILEIRO

Manuel Gomes dos Santos

(ADVOGADO)

(COM PROCURADORIA NO BRASIL)

RUA VITÓRIA, 53-3.º

Telefone — C. 3156

LISBOA



CASA

Palissy Galvani

DE

Guilherme F. Simões, L.^{da}

● COLOCAÇÕES ●
e reparações de campainhas
eléctricas, telefones e pára-raios

● LUZ ELÉCTRICA ●
Depósito de todos os aparelhos
::: de sua especialidade :::

*Preços sem competência
Descontos aos revendedores*

13, Rua de Serpa Pinto, 15

LISBOA

TELEFONE C. 641